

CASAS DE PAPEL

Quantos projectos fazemos que não passam do papel? Ou das meras intenções? Tanto trabalho! Por vezes mesmo, tanto entusiasmo! Tanto sonho! Tanta energia canalizada ... para uma qualquer gaveta esquecida.

Neste ofício das arquitecturas temos sempre que contar com estas expectativas goradas, com estes “sonhos de papel”. No entanto, o prazer do acto criativo não deixa estar presente e de se manifestar nestes tal como nos outros projectos que acabamos por concretizar.

Nos dias que correm, em que o dinheiro é o único valor que conta e as pessoas tendem para esquecer todos os outros, a criatividade é igualmente sujeita ao crivo da viabilidade económica – Se não é viável ... não se faz. E se não se faz não é arquitectura, é projecto. Não confundir! Arquitectura pressupõe obra feita – espaço.

Torna-se assim ainda mais difícil o exercício deste ofício que, tal como tantos outros, abarca os aspectos económicos de um qualquer empreendimento – concerteza, sem o fazer cairíamos no domínio da irresponsabilidade – mas também envolvem condicionantes sociais, estéticas, históricas ... e por aí fora. Fazer com que tudo se compatibilize e, ainda por cima seja viável, é que são elas.

E é por isto que tantas vezes as coisas correm mal, ou tendem para isso e não se fazem. E não é só porque os clientes mudaram de critérios, ou não têm sensibilidade (ou civilidade) suficiente para compreender os aspectos atrás mencionados que não têm uma ligação tão imediata ou evidente com o dinheiro (os ganhos são por vezes mais subtis, ou não são imediatos, mas a longo prazo). E também porque muitos de nós não somos sensíveis aos aspectos económicos. E temos que ser! Depois, as nossas escolas também continuam a ignorar esses aspectos e vivem num mundo irreal, originando frustrações, desilusões, por vezes sérias ou graves, nas pessoas que formam, assim que confrontadas com a realidade.

E, enquanto os tempos não mudam e continuarmos no domínio do dinheiro sobre tudo o resto, seja lá o que for, com qualidade ou sem ela; Enquanto continuarmos a preferir as “quinta das calamidades” a programações televisivas divertidas e bem feitas, ou a consumir “gastronomias” de qualidade duvidosa em vez de nos alimentarmos saudavelmente, ou ainda a construir edifícios de má qualidade, com pantominices do género “meteorito” ou “escama de peixe desconjuntada” – pseudo-arquitecturas, ricas de espectáculo, obras para promoção rápida de políticos condizentes com os tempos e eficazes também no desbaratar dos cofres públicos – enquanto preferirmos cidades mal planeadas, com periferias superpovoadas transformadas em dormitórios, cidades que só funcionam se tivermos automóveis, em que temos de gastar 2 litros de gasolina para comprar 1 litro de leite, ou a promover o consumo desnecessário, chegando ao ponto de o fazermos com os medicamentos – colocando-os à venda não importa aonde; Enquanto continuarmos nesta onda, será mais difícil produzir arquitectura de qualidade, escrever bons livros, editar boa música ou fazer cidades em que se possa andar, nem que seja um pouco, a pé, comprar, trabalhar, descansar, divertirmo-nos, sem ter que gastar litros e litros de gasolina e de tomar anti depressivos.

Bom, mas não se julgue que a alternativa à mediocridade – na televisão, na literatura, no urbanismo, na arquitectura, ... - é uma qualquer bodega de nível contrário que ninguém

compreende (mas tem vergonha de dizer), igualmente enjoativa. Não, o mundo não é feito desses dois pólos opostos, como nos querem “vender”. Há apesar de tudo, muita gente a produzir coisas com qualidade. Cabe-nos a nós “perder a vergonha”, assumir um ónus cívico, social, chamemos-lhe o que quiserem e não tender para a “lei do menor esforço”. Sem um pouco do nosso próprio esforço ou empenho, nada mudará e os bons projectos de muita gente continuarão na gaveta.

É necessário admitirmos que a vida é feita também desse empenho. De sonhar, de começar e recomeçar ... não desistir, não cair na depressão ou melancolia mas reagir, começar de novo e, de cada vez, com mais e mais criatividade, aprendendo com a adversidade, buscando a energia renovadora dentro de nós próprios e encarar estes projectos que ficaram por concretizar, estas “obras adiadas”, como parte integrante da nossa vida, apreciando o que nelas colocamos de nós, de criativo, de sonho, mesmo que não tenham passado do papel.

José Baganha